

A Musa Chapada

Poesias de Ademir Assunção e de Seraphim Pietroforte

Ilustrações de Carlos Carah

Os poemas de Ademir Assunção e de Antonio Vicente Seraphim Pietroforte reportam-nos de imediato a uma São Paulo que, na sua expressão mais radical e remota, lembra aquela delineada por Álvares de Azevedo: sexo, drogas, morte, prazer, alucinação, tudo se mescla com a vida da cidade. Seus poemas remetem-nos também à geração *beat* americana, recriando um universo muito próximo daquele cultivado por William S. Burroughs, Jack Keruac e Cia. No entanto, nos dias de hoje, o que mais chama a atenção nos versos de *Musa chapada* é o fato de serem politicamente incorretos, isto é, deliciosa e contundentemente incorretos. Ora líricos, ora sagazes, ora divertidos e irônicos, são poemas de leitura fluente e de alto teor polissêmico, que nos colocam diante de vários caminhos interpretativos. Em seu conjunto, cultivam a idéia do prazer em suas mais diversas e contraditórias formas. Chapada ou de ressaca, a musa aqui cultivada traz consigo um mundo fundado em referências consideradas pouco saudáveis atualmente, mas que, por isso mesmo, funcionam como um modo de resistência a uma ordem social que insiste em reduzir o homem à condição exclusiva de trabalhador e de consumidor que mantém sua capacidade de produção. Em nome do princípio de realidade, inventa-se um mundo em que o consumo de drogas e a promiscuidade sexual, por exemplo, são tomados como um mal em si, como se tais formas de prazer fossem antinaturais, desumanas, e não apenas formas que podem ser improdutivas em termos econômicos e envolver algum risco para a saúde. Mas um dia a vida acaba. Sempre acaba. Basta saber disso para ler com prazer e propriedade a *Musa chapada*.

Helder Garnes

Professor Doutor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

FFLCH-USP, área de Literatura Portuguesa